



AGEAC

além dos conceitos

www.ageac.org

PERGUNTAS AO COORDENADOR



TRABALHO PSICOLÓGICO 2

TRABALHO PSICOLÓGICO 2

Perguntas realizadas pelos estudantes
ao Coordenador Internacional da AGEAC
Sr. Óscar Uzcategui no curso Brasil - 2007

P.: O derrotismo vem da preguiça?

R.: Não, nem sempre. O derrotismo é fruto de uma depressão, e a depressão é um conflito entre dois ou três pensamentos. Então, por exemplo, quando há uma frustração: um pensamento queria isto, e os fatos outros, isto cria pensamentos contrários ao que queríamos e inicia-se uma luta. Como isso não tem fim, entra a depressão por impotência. Então, como tratar a depressão para sair do derrotismo? O Mestre diz: «*Quando a pessoa observa os centros e os vai estudando a depressão vai desaparecendo como a umidade*», porque a pessoa vê qual era o Eu que estava enrolado com outro. Então, quando a pessoa tira o nó o conflito se acaba, porque a pessoa diz: «*Ah, você tinha isso porque queria o café da manhã com açúcar e lhe fizeram com pouco açúcar; mas, bem, amanhã é outro dia, amanhã você vai voltar a tomar café com açúcar...*», e isso já tinha criado depressão. «*Ninguém gosta de mim, sempre me dão as coisas ruins, e sempre para mim vem o pior, eu devo ser muito “karminha”, e minha vida não serve para nada...*». Um pensamento negativo atrai os outros e forma uma cadeia, mas quando a pessoa quita o primeiro, os demais sucumbem.

P.: Você pode nos falar da diferença entre a inveja e os ciúmes?

R.: São duas coisas distintas. A inveja faz parte do amor próprio, outra vez, e da auto-importância. Quando alguém tem algo e nós queremos tê-lo é porque nos comparamos com essa pessoa. Se nos comparamos com

essa pessoa é porque temos Eus de auto-importância, queremos ser tão importantes como essa pessoa, ou mais importantes que essa pessoa. Então aí começa a competitividade para chegar a ser melhor que essa pessoa ou igual a essa pessoa. Então a inveja se alimenta. Quando alguém descobre que cada um é cada um, e ele tem coisas que eu não tenho, mas eu tenho coisas que ele não tem, então dá igual, eu tenho minhas coisas, minhas virtudes, e ele tem as suas, e todos aqui temos virtudes e defeitos, e o Pai nos colocou todos em um mesmo planeta, para quê? Para que cada um lute separadamente. Eu não vou me Auto-realizar imitando a ele nem tendo as coisas que ele tem, e vice-versa. Isso é a inveja.

Os ciúmes também são filhos da auto-importância. Quando um homem tem ciúmes da sua mulher é porque ele se considera tão importante que sua mulher só tem que ter olhos para ele o dia todo, «*e as palavras dela todas para mim, e todos os gestos para mim...*». Isso é auto-querer-se, querer ser o centro das coisas. Então, igual, quando zelamos por um objeto e não o emprestamos a ninguém é porque: «*Isto é meu, meu, e só eu sei usá-lo!*». Isso é auto-importância! Então vejam como está conectado o amor próprio, a auto-importância com os ciúmes.

Às vezes os ciúmes têm raízes luxuriosas bem feias. Então, além da auto-importância há muita luxúria. Então há mulheres que têm ciúmes do homem, ou homens que têm ciúmes da mulher, porque se a mulher diz a um amigo: «*Bom dia!*», logo começa o mecanismo da luxúria a pensar que quando lhe fez assim (o tocou) era porque queria senti-lo, porque tem vontade de sexo, e não há nada disso. Então, claro, ali os ciúmes existem porque há muita luxúria na pessoa ciumenta, e de forma secundária a auto-importância.

P.: *Aí pode ser que a pessoa ciumenta seja muito possessiva?*

R.: Sim, auto-importante. Quando a pessoa tem auto-importância é muito possessiva, quer ser a primeira em tudo, em tudo...: o primeiro a falar, o primeiro a comer, o primeiro a quem lhe dêem um beijo... Então isso faz que a pessoa se torne possessiva, porque quer ter tudo controlado.

P.: *A diferença entre a generosidade e a falta de generosidade. Por exemplo, suponhamos que tenham mendigos na rua, é justo dar dinheiro ou não? A quem sim e a quem não?*

R.: Quando vocês virem uma pessoa que está incapacitada de viver, pois temos que dar dinheiro, se vemos que lhe faltam as mãos... Às vezes vemos

automaticamente, depois do juízo, uns Eus vão direto para macacos (desses que vêm aqui), porcos, animais involutivos..., outros Eus vão para plantas que são involutivas, plantas venenosas..., tudo isso. Outros Eus vão então (os mais fortes) aos Círculos dantescos, ao Primeiro Círculo, e alguns vão de uma vez pra mais baixo. Outros ficam aí esperando descer ao Segundo Círculo.

P.: *Os dos animais, plantas e minerais ingressam de uma vez também nos Círculos dantescos?*

R.: Não, esses vão mudando de corpos de animais e vão se desintegrando nesses corpos de animais.

P.: *Os minerais involutivos estão também no mundo físico?*

R.: Alguns estão no mundo físico e outros estão lá embaixo.

P.: *Para trabalhar com a Mãe Morte sobre um Eu podemos perguntar ao Tarot, por exemplo, se é uma boa idéia trabalhar com a Mãe Morte?*

R.: Não é preciso perguntar, é imprescindível fazê-lo! Não é preciso perguntar...

Paz Inverencial!

que lhe faltam até as pernas. É óbvio que essa pessoa, se não a ajudarmos, vai morrer de fome. Se virmos que uma pessoa tem os braços, mas não tem as pernas e está pedindo esmola, podemos ajudá-la, porque ainda que tenha braços não consegue um trabalho que ela possa trabalhar com as mãos. Então talvez tenha que deslocar-se... não pode. Mas se virmos a um sujeito todo sujo, e quando você passa por ali o vê inteiro e forte e talvez esteja cheirando a álcool, esse quer dinheiro para o álcool. Ou um rapazinho que está completo e tem os olhos vermelhos e está nos pedindo dinheiro... isso é porque quer o dinheiro para a cocaína, a maconha, a heroína. Não temos que dar!

P.: *E as mulheres que têm filhos, que levam bebês nos braços para dar pena... A criança precisa comer, mas e se dermos dinheiro à mãe e ela o utiliza mal...*

R.: E o que fazemos com os governos que não se ocupam dessas mães nem dessas crianças? Nós pelo menos temos que fazer nossa parte. Se ela utiliza mal esse dinheiro o problema é dela. Mas pelo menos não sejamos tão cruéis quanto os governos que as deixam por aí com crianças...

P.: *Mas na Europa há uma máfia disto...*

R.: Pode ser, mas nem sempre, e como nós não sabemos isso, melhor é dar neste caso. A responsabilidade é da pessoa, do mendigo...

P.: *Na Espanha fala-se disso, que alugam as crianças, dão dinheiro à mãe biológica, e a outra pessoa leva a criança, a faz dormir o dia todo, e põe-se a pedir...*

R.: O curioso é que se isso existe na Espanha, por que a polícia permite isso? Por que o Ministério do Interior permite isso? Onde estão as políticas sociais? São muito bons para criticar e fazer análises, mas por que não resolvem o problema? Então, se eles não o corrigem, nós não podemos ficar assim...

P.: *Mas independentemente dos governos, quando uma pessoa está pedindo na rua, esteja inteira ou não, não se cria assim uma dependência de fazer mendigos a vida toda?*

R.: Sim, mas se nós partimos da base de que é melhor nunca ajudar toda essa gente nos tornamos cruéis também, e o dia que encontrarmos um mendigo de verdade vamos lhe dizer: «Não, trabalhe porque cada um está aqui para viver seu Karma». Eu tive amigos missionários em quem tive que dar uma

bronca, porque uma vez, quando íamos caminhando por um parque, havia uma senhora de uns oitenta anos sozinha, toda vestida de preto, com um monte de bolsas... O que fez aquele missionário? Disse-me: «*Oh, não vamos passar por aqui porque senão vamos pegar as larvas dessa senhora*». E eu fui até a senhora e disse:

– Como está você?

Quase não podia nem falar, e me disse:

– Bem.

E perguntei:

– Você não tem família?

– Minha família me jogou na rua! Meus filhos não me querem em casa!

Ela não estava pedindo, estava ali calada, e eu lhe dei dinheiro. Aquele missionário me disse:

– Oh, você pegou Karma! Essa mulher está cheia de Karma e você por lhe dar dinheiro pegou seu Karma.

E eu lhe disse:

– Cale a sua matraca mental e peça que os Mestres lhe lavem a mente, porque ela está muito mal.

Então, claro, isso é crueldade. Crueldade!

P.: *Quando entendemos um Eu nos quarenta e nove níveis da mente, quando podemos explicá-lo de todas as maneiras?*

R.: Não, não só isso, é quando esse Eu já não nos afeta nem aqui no físico nem nos sonhos. Porque os sonhos são o termômetro para saber os quarenta e nove níveis. As pessoas pensam que temos a mente dividida em quarenta e nove compartimentos. Não! São nossos estados. Então, no astral, os Mestres começam a nos provar no primeiro nível de nossa mente com umas cenas, e ali perdemos a prova (os Egos não estão mortos), mas acontece que continuamos estudando eles. Depois nos põem a mesma prova e já não perdemos. Ah, já entrou a compreensão nesse nível! – Porque ali analisamos como aqui –. Então, o que fazem os Mestres? Mudam o cenário, e como mudam o cenário, outra vez voltamos a perder a prova; isso em outro nível. Mas seguimos estudando, estudando e fazendo nossas práticas com a Mãe Morte. Quando põem outra vez esse cenário, já não, ah! Então é preciso mudar o cenário outra vez. E outra vez o tornam a mudar de outra maneira, e aí outra vez voltamos a perder a prova, mas logo voltamos a nos dedicar à Mãe Morte, Devi Kundalini, à auto-observação, à análise. Quando

tre Samael era uma casa onde o sol sempre entrava pelas janelas. Então a casa sempre estava clara. Aquela casa, de repente, por volta de umas onze horas, se viu envolta em uma obscuridade estranha que nunca se tinha vivido. Lá pelo meio-dia chegou o Mestre, e eu estava na cozinha com sua esposa. Estranhei que sua esposa não sáísse da cozinha, só olhava por um vidro que a porta da cozinha tinha e que dava para a sala. Ela se aproximava, mas como a casa continuava escura ela não saía, e eu também não saí. Logo chega o Mestre, ao meio-dia. Abre a porta, entra, e fica na sala, sentado no sofá falando com alguém que estava ali aparentemente invisível, e escutávamos a conversa em murmúrios. Claro, não íamos ter a má educação de escutar o que o Mestre dizia. Só escutávamos que o Mestre falava com alguém, mas olhávamos e não havia ninguém. Parecia que a parede falava com ele. Quando terminou aquela conversa a luz voltou na casa, e o Mestre veio para a cozinha. Então ele pediu um café, e eu aproveitei a oportunidade e perguntei ao Mestre: «*Olha, Mestre, desde às onze mais ou menos chegou aqui uma escuridão muito estranha, e agora você chega, se senta ali e começa a falar, e eu vi que não havia ninguém, mas aqui escutávamos murmúrios de vozes. Seria imprudente perguntar a você o que aconteceu?*». E ele me disse: «*Claro, eu andava no centro da capital e me encontrei com Andrameleck [Andrameleck é a antítese dele], e o pobre Andrameleck queria me perguntar coisas sobre o Abismo. Leve em conta que Andrameleck é um trono caído, mas é um Hanasmussen. Eu lhe dei as explicações mais ou menos, e lhe disse: “Vá a minha casa e espere-me lá”*». E veio. E, claro, Andrameleck é um príncipe das trevas; a casa ficou escura. Por isso a mulher também não saía. E eu lhe perguntei: «*E o que foi que você falou com Andrameleck?*». E me disse: «*Bom, isso não posso dizer*». Eram coisas do Abismo. Comento isto porque se vocês vão pedir à Mãe Morte que lhes mostre coisas, vocês têm que estar psicologicamente preparados para ver quem sabe o quê.

P.: *Oscar, quando uma alma involui, todos os Eus (por exemplo, os Eus do Primeiro Círculo dantesco estão involuindo)... No mesmo momento estão involuindo também os Eus do Segundo Círculo, do Terceiro, etc.?*

R.: Alguns vão no mesmo instante, outros esperam até que a pessoa desça ao Segundo Círculo. Mas alguns vão de uma vez para baixo.

P.: *Pode ser que alguns Egos estejam em animais involutivos?*

R.: Sim, claro. Quando um homem morre e está em sua última vida,

R.: Não, aqui está proibido por ordem direta do Mestre, e não por capricho nosso.

P.: *Oscar, existe alguma prática com o Anjo Anael para pedir pelo centro emocional ou o instintivo?*

R.: Não. A prática com o Anjo Anael é para tudo o que tenha a ver com a luxúria em qualquer dos centros, não só no emocional, mas não há práticas para cada centro especificamente com determinadas divindades. O que existe sim é a Asana Sagrada para que a Divina Mãe Morte, a Mãe Kundalini, nos trabalhe os centros, ou práticas com o Anjo Jeú, que é uma parte de nosso Ser, para que nos amplie a auto-observação em cada centro, ou com Anúbis que é o guia das almas, para que nos ajude a ir além do impedimento que exista, para que possamos eliminar tal Eu. Então Anúbis negocia isso.

P.: *Quando você faz uma prática com o Viparita Karanhi Mudra com o Espírito Santo ou com a Mãe Morte com a Asana Sagrada pedindo compreensão sobre um Eu, você sabe que vem junto um ginásio psicológico, especificamente para que você se observe, e se veja, e possa ter compreensão?*

R.: Sim, às vezes eles enviam o ginásio para que a pessoa tenha um espectro maior e capture o Eu, mas nem sempre vai gerar ginásio, nem sempre... A Mãe Morte sim. A Mãe Morte sempre vai colocar o Ego aqui, diante dos olhos, para que o vejamos claramente, e isso é ginásio. Mas Devi Kundalini não, nem o Anjo Anael.

P.: *Não, não, eu me referia à Mãe Morte com a Asana Sagrada ou o Vajroli Mudra.*

R.: O Viparita não, a Asana Sagrada sim.

P.: *Podemos pedir à Mãe Morte que nos mostre o Ego em sua monstruosidade?*

R.: Pode-se pedir tudo, e ela verá se é conveniente que vocês o vejam assim ou não. Vocês me entendem, não? Precisa-se estar preparado para as coisas.

Um dia o Mestre Samael saiu de manhã para ir ao correio. Saiu umas nove horas. Eu fiquei em casa com sua esposa e com outro missionário que estava por lá. Quando eram umas onze da manhã... O lugar onde vivia o Mes-

o tornam a colocar, já não caímos. E assim vai entrando. É como uma luz que vai entrando, vai entrando em quartos escuros cheios de pó.

Por isso quando a pessoa vai fazendo seu trabalho sobre a luxúria, como a luxúria tem tantas facetas, tem que ter muita paciência, e as provas são internas, e aí a pessoa vai vencendo as provas, vai vencendo, vai vencendo com os anos. Chega um momento em que vocês já compreenderam isso, e a Mãe Divina, com os trabalhos na Alquimia, foi eliminando, eliminando, eliminando... Chegará um momento em que lhes colocam uma situação raríssima, também com a luxúria, uma supergarota que chega com voz de valquíria, ou quem sabe o que; já não será a luxúria bruta, porque isso a pessoa já compreendeu. Então virá e lhe pedirá: «*Posso me sentar no seu colo?*», e tal..., e aí, então, como são situações que a pessoa não viveu nesta vida nem em outras vidas, aí se confirma se a pessoa já está nesse nível. Então lhe diz: «*Sim, sente-se*», e se senta. Mas a pessoa sente como se a outra fosse de papelão, e começa a nos fazer coisas ou falar, e a pessoa lhe diz:

– O que mais você quer?

– Nada.

– Então vai embora, já está bem.

Então, se a coisa já está assim, esse bicho está morto, porque já não nos afeta nem assim.

P.: *Pode-se entender um Ego em um nível da mente se não vivemos aquela situação? Por exemplo, como você disse que nunca vivemos nesta vida ou em outra vida uma situação como esta...*

R.: Sim, porque a Mãe Divina pode ter aberto compreensão ali de tantas práticas que fizemos, e a consequência das compreensões anteriores é que isto se compreende por si só. Como não há muita raiz porque é uma situação que não vivemos, então se compreende sozinha.

P.: *Então, uma pessoa pode entender muito bem erros, vícios..., porque como nunca viveu estes vícios, então pode entender a fundo...*

R.: Sim, porque não os teve em outras vidas e tampouco nesta. Então, como não há muita coisa grudada ali isso se compreende facilmente. À medida que vocês vão ganhando luz, e luz, e luz, esse monte de luz já faz com que algumas coisas que aparecem se desvançam com a própria luz, que faz compreendê-las mais rápido, sem análise nem nada. «*Ah, isto é claro!*». É assim...

P.: *Se, por exemplo, alguém numa vida passada compreende um Ego, como você dizia, em um nível da mente; pode controlá-lo, já não se vê mais na vida cotidiana, ou seja, foi compreendido. Quando retorna na vida seguinte, este Ego está lá dentro, ainda está vivo. Esse Ego que podíamos controlar na vida passada e foi destruído a tal nível da mente, como está agora? Porque pode ser uma tentação.*

R.: Bom, isto tem várias explicações. Uma, alguém pode ter compreendido uma parte do Eu nesta existência, e essa compreensão já nos dá um equilíbrio e um autocontrole até certo ponto inclusive nos Mundos Internos, e morremos. Quando voltamos aqui, dependendo da personalidade que os pais, a escola e os amigos nos formem, teremos ressuscitado esse Eu ou não o teremos ressuscitado, e mantemos o mesmo nível. O mesmo nível, certo? Eu, por exemplo, falo de mim. Eu nasci e comecei a crescer como todas as crianças, e chegou um momento em que cheguei à puberdade: onze, doze, treze anos, e meus amigos queriam me ensinar a masturbação. Então eu, quando soube daquilo, instintivamente lhes disse: «*Nossa! Que coisa estranha que vocês fazem! Eu não gosto disso, não. Eu sou seu amigo, mas não falem mais dessa coisa pra mim, isso não me interessa*». Mas eu não tive um pai que me ensinasse essas coisas, nem irmãos que me ensinassem isso. Só minha mãe estava viva. Meu pai morreu quando eu tinha sete anos, e então minha mãe cuidava muito bem de mim. E eu vinha com isso compreendido desde a vida que tive na Revolução Mexicana. Porque veio – então isto é outro aspecto –... em meu auxílio veio o Kaom. Pois o Kaom às vezes faz coisas em uma existência que ficam para a outra existência. Então passei essa vida toda chorando, eu sozinho, porque me vinham recordações de meus feitos de outras vidas, e passei a vida toda chorando. Então nesta existência vim como o gato que foge da água escaldada. Só de me falar da coisa: não, não... Mas não era por puritanismo e por ser bom, não! É que me dava nojo! Logo veio o tema das prostitutas, a curiosidade sexual. Claro que eu nasci com curiosidade sexual, mas então esta mesma coisa que o Kaom tinha me provocado me fazia pensar, e quando eles queriam ir eu lhes dizia: «*Oh! E que garantia temos de que essas mulheres não têm alguma doença? E se pegarmos uma doença?*». Minha mãe não tinha me falado disso, nem ninguém, mas o Kaom sim que estava ali e me fazia refletir. «*E, além disso, quanta gente já passou por aí? Ah, eu não gosto disso! Quanta gente passou por aí, e talvez você pegue bactérias e micróbios, não!*», e outro medo que eu tinha era: «*E se de repente eu tenho um filho... E eu com essa idade, o que vou fazer com um filho? E como vou apresentá-*

no candelabro... Peguei-a, a ascendi e comecei a fazer a Runa Not. Pedi a meu Pai que se transladasse – chorando, chorava de dor, era insuportável aquilo, e chorando e tudo comecei a fazer a Runa Not –. Comecei a pedir perdão: «*Perdoa-me, bendito Anúbis, perdoa-me, tira de mim este karma, por piedade, por misericórdia. Eu tenho grupos aqui. Eu estou comprometido com o Mestre Samael. Eu estou comprometido para toda minha vida, minha vida está vendida para a Gnose. NI, NE, NO, NU, NA*». Quando fiz pela primeira vez NI, NE, NO, NU, NA a dor de cabeça se foi, com apenas uma vez. Depois continuei fazendo NI, NE, NO, NU, NA. «*Ajuda-me, eu estarei aqui sempre, NI, NE, NO, NU, NA*». Ia morrer ali, entendem? Estou comentando porque aqui neste caminho há muitas coisas estranhas.

P.: *Com os Mestres dos planetas... que estão relacionados – estes planetas – com os diferentes Círculos dantescos... Por exemplo, Gabriel, que rege a Lua, está relacionado com o Primeiro Círculo dantesco, mas nós, com nossos Egos ou Eus, estamos relacionados com estas energias negativas destes planetas; não são positivas, pois nos atraem ao Inferno.*

R.: As energias dos planetas não são negativas. Nós fazemos as energias serem negativas pelos Eus que temos.

P.: *Sim, mas, por exemplo, podemos pedir a Gabriel que nos ajude a trabalhar estes Eus, já que nós convertemos as energias dos planetas em negativas...*

R.: O que vai fazer o Logos Gabriel, por exemplo, é dar experiências astrais sobre esses Eus; não pode fazer nada mais. Isso é melhor com o Viparita Karanhi Mudra, que se pede ao Espírito Santo que lhes ajude a compreender o mau uso da energia marciana, por exemplo, ou da energia venusiana; isso sim.

P.: *Você pode nos explicar o Vajroli Mudra?*

R.: Não, porque o Mestre proibiu o Vajroli Mudra. O Vajroli Mudra, no começo, o Mestre ensinava. O Vajroli Mudra pertence ao Hatha-yoga, e é uma prática de transmutação para solteiros na qual vai implícita uma massagem dos órgãos sexuais. Mas o Mestre o proibiu porque os missionarizinhos caíam na masturbação; então cortou-se o mal pela raiz.

P.: *Porque em alguns livros ou na internet se fala do Vajroli Mudra, e diz-se que na Gnose se dá esta prática; assim a pessoa tem que saber no caso de vir alguém e perguntar: Aqui não se faz?*

P.: *E se então a pessoa, por exemplo, diz que não é verdade, que não tem esses Egos, que são meus?*

R.: Então dizemos: «*Desculpe, desculpe*», e que a pessoa trabalhe por si só.

P.: *Por quanto tempo podemos fazer a prática do Viparita Karanhi Mudra?*

R.: O Mestre recomenda começar com vinte minutos. O ideal seria chegar a três horas. O Viparita Karanhi Mudra também é para pedir ao Espírito Santo que leve a lua que temos aqui na cabeça ao plexo, e o sol que temos no plexo para onde está a lua, mas aproveitamos também para pedir perdão por todos nossos delitos ao Espírito Santo.

P.: *Em quanto tempo vai passar a lua? Como saberemos que a lua passou para o plexo e o sol para o lugar da lua?*

R.: Isso você vai sentir psicologicamente, isso você vai sentir... Mas não podemos pôr um prazo para o Espírito Santo; isso é o que faltava...

P.: *Isto do Viparita Karanhi Mudra que você dizia é para pagar Karma desta existência, mas podemos também pedir para pagar Karma acumulado de outras existências?*

R.: Era um karma de outra existência do Mestre (a história do lenço), e o perdoaram.

P.: *Sim, mas como não sabemos o que fizemos em outras existências...*

R.: Não se ponham a pedir por essas coisas, porque isso é quando a pessoa recebeu uma informação; então a pessoa a trabalha com o Viparita Karanhi Mudra.

Uma vez eu estava em uma associação, também do norte do México. Eu estava bem, e de repente me veio uma dor de cabeça que estava me matando, me matando... Para começar a dor foi tão forte que eu caí no chão, e então senti que iam me desencarnar com um derrame cerebral. Então, como pude, como os cachorros em quatro patas, fui me arrastando até o quarto (S C). Aquilo teria sido bom filmar, porque parecia uma pessoa no deserto. E fui como pude. Eu sentia que o meu cérebro ia se arrebentar. Abri e entrei no quarto (S C – nem fiz J e B –), me pus para dentro, e diante de um altar, com um pouquinho de força que eu tinha... Havia uma vela ali no altar, não

lo a minha família?». Tudo isso me passava pela cabeça. Então eles iam às suas andanças e eu não.

P.: *Mas o Kaom é uma parte de nosso Ser que é parte da Lei Divina, ele que se encarrega das coisas da Lei Divina.*

R.: Não, não, o Kaom não se encarrega da Lei Divina, não. O Kaom é uma parte de nosso Ser que conta à Lei os nossos erros. Mas o Kaom também é o que produz em nós o peso na consciência. Quando ele está muito ativo nos protege com remorsos. Porque se um ser humano não tem peso na consciência, o Mestre diz que «*o Íntimo está muito longe*», ou seja, que estamos muito longe, estamos divorciados do Pai. Isso é perigoso: não ter remorso. Então o Kaom me deu umas pauladas bem boas que me mandou a este mundo outra vez pisando em ovos.

P.: *Então, quando trabalhamos com um Eu, é bom pedir ao Kaom interior que nos dê remorso pelos erros?*

R.: Sim, pode-se pedir a Jeú. Jeú ativa o Kaom, é o Príncipe das Faces.

P.: *O que precisamos entender da ira, por ira mesmo?*

R.: Que tudo o que faz é absurdo, e que destrói a clarividência. Quando a pessoa explode de ira se faz menos, e menos, e menos clarividente. A ira produz um veneno que se chama «imperil», e que destrói o chacra do entreceño.

P.: *Existem doenças que são a expressão do Eu?*

R.: Sim, claro que sim. A úlcera às vezes é por muita ira ou muita angústia. Pode ser também por um processo iniciático, mas neste caso não é o Ego, e sim o corpo que não agüenta. Mas muitas enfermidades nervosas vêm do mau uso da energia sexual. Porque as pessoas passam, os que são muito ativos sexualmente... Imaginem, se uma pessoa vive sessenta anos ou cinquenta e todos os dias esteve perdendo a energia... Isso é como se vocês fizessem todos os dias um curto-circuito na eletricidade da casa. No final a casa explode, porque o que se produz é um curto-circuito na espinha dorsal, e a espinha dorsal vai até o cérebro e destrói o sistema nervoso central. Então a pessoa está com tremedeira. Claro, isto tem uma causa. Outra coisa é que trema por uma enfermidade kármica, como a esclerose múltipla, isto é outra coisa.

P.: Quando uma pessoa tem um Eu que nos afeta e afeta muita gente. Por exemplo, a pessoa faz muito barulho ou fala o tempo todo e mistura um monte de coisas, e faz coisas que não estão bem, e lhe faz falar muito, e incomoda outras pessoas com sua maneira de ser, com seu falatório. Pode-se dizer a esta pessoa o que está fazendo, o que deve fazer?

R.: Depende. Se a pessoa é de nossa confiança podemos dizer-lhe: «Olha, você não percebe, mas você afeta muita gente por falar tanto o tempo todo». Se a pessoa é de nossa confiança, e temos de dizê-lo com carinho. Porque a pessoa é inconsciente, e por isso o faz. Se não é de nossa confiança, o que diz o Mestre? Temos de nos afastar destas pessoas, porque nos contagiam com emoções inferiores.

P.: Então, depois temos que trabalhar os Eus que nos afetou?

R.: Claro. Um dia eu estava naquela famosa associação de Nogales, onde tinha aquela mulher possuída e tudo mais, e um dia se apresentou ali um bom homem, pediu permissão para entrar, e eu lhe pedi para sentar e trouxe um café. E lhe perguntei: «Em que posso ajudar?». E ele começou a me falar de sua vida: «Meu pai morreu a machadadas, minha mãe foi enforcada, minha irmã morreu a seis meses também a machadadas, meu tio era...»; tudo era crime. E me perguntou: «Você pode me ajudar?», e eu lhe disse: «Olha, sim, eu posso ajudar-lhe psicologicamente, mas vejo que sua vida está cheia de muitas coisas estranhas...».

Então, o que fiz? Ensinei-lhe a Runa Not, e lhe disse: «Olha, esta é uma prática mágica que você tem que fazer, e peça a estes senhores que lhe falei, Anúbis e os quarenta e dois Juizes da Lei, que te dêem por misericórdia uma proteção, e que lhe ajudem a arrumar sua vida. Peça isso...». «Ah, bom, muito obrigado. Até logo».

P.: Há pessoas que têm experiências muito fortes, por exemplo, que sentem o perigo para nós, ou que vêem na rua um soldado da Segunda Guerra Mundial que foi morto, que sentem muitas coisas, etc. Então esta pessoa que vem à associação para aprender a Gnose e para que lhe ajudemos com conselhos, mas tem medo das experiências que tem porque são tão fortes que não pode controlá-las, o que temos que fazer com pessoas tão hipersensíveis?

R.: Esta pessoa está desequilibrada psiquicamente. Então esta pessoa goza de alguma porcentagem de clarividência, mas como está desequilibrada não controla isso. Então a esta pessoa temos que dizer que tem que trabalhar

mesmo vamos fazer uma prática, você e eu». E faz a Asana Sagrada, e pede-se à Mãe Divina – com a pessoa ao lado fazendo a mesma prática – compreensão para esse irmão. Eu peço para ele, eu digo: «Compreensão para fulaninho de tal sobre seus estados que acaba de me contar, piedade e misericórdia. RAAAAM IIIIIIOOOO, RAAAAM IIIIIIOOOO...». Entendem?

P.: E dar alguma indicação para fazer alguma prática?

R.: Claro, obviamente.

P.: O que é o Viparita Karanhi Mudra e que resultado dá?

R.: Viparita é uma prática que o Mestre ensinou, pondo as pernas para cima na parede e as costas no solo fazendo um esquadro com o corpo, e é uma prática para que nos ajudem a compreender coisas ou pagar Karma. A raiz disso foi que uma vez o Mestre se lembrou que na Idade Média, quando ele andava por ali, quando ele tinha um exército que protegia os feudos, aconteceu que uma vez de tantas viu um lenço muito belo, muito bonito. E este lenço estava pendurado em um galho que saía de um convento para a rua. E ele nem tímido nem preguiçoso trepou e pegou aquele lenço de mulher, que era muito belo. Resulta que era um lenço de uma monja de clausura, mas era o único contato que tinha essa pobre monja com sua mãe, e ele o roubou. E depois, nesta existência, a Lei lhe queria cobrar esse karma. A Lei vai guardando as coisas. A Lei é como uma esponja que vai guardando coisas, e logo as espreme. Então ele fez o Viparita Karanhi Mudra pedindo perdão ao Espírito Santo e à Divina Mãe, e o perdoaram. Mas três anos... Todo dia fazendo isso, pedindo perdão por aquilo, chovesse, relampejasse, tronasse, fizesse frio ou não. Por isso o Mestre pegou um reumatismo que logo se curou. São sacrifícios voluntários e padecimentos conscientes que às vezes nos ajudam a acertar problemas com a Lei. Todo sacrifício gera forças superiores. Sacrifícios conscientes, não sacrifícios mecânicos!

P.: Estamos falando aqui do excesso de crítica que podemos fazer de uma coisa ou de uma pessoa, e então temos o outro extremo: tornamos-nos hipócritas, quer dizer, vemos coisas diante de nós que estão mal, seja de um membro ou de um missionário, e temos os Egos bons, e dizemos: «Bom, ele logo mudará, e tal e qual» quando às vezes temos que atuar. Como fazer isto?

R.: Temos que pedir ao Espírito Santo que nos dê a oportunidade de falar sobre isso com a pessoa.

próprio vai dizer: «*Não, não, eu estou bem*». Não é verdade, não quer que a pessoa intervenha. Então, se queremos fazer algo por essa pessoa, vou para minha casa e me ponho a pedir ao Logos tal que lhe envie coros angélicos que dêem luz a essa pessoa. Isso é melhor que provocar uma reação egóica nela.

P.: *Em um casal torna-se ainda mais delicado isto de apontar estados egóicos, porque depois trabalha-se na Alquimia e, claro, a pessoa pede na Alquimia por um estado egóico, e o outro tem uma informação do que ele está trabalhando. Então é delicado, porque às vezes em explosões de ira, ou de aborrecimento, ou de identificação, a pessoa usa argumentos ou estados que o outro está trabalhando.*

R.: Claro, por isso o trabalho na Alquimia tem que ser feito com a compreensão de que se faz para ajudar o cônjuge e ajudar a si mesmo; nunca usar a informação para machucar o cônjuge, porque isso é falta de trabalho interior. Essas coisas devem ser faladas a sós. Deveria haver tal compenetração no casal – ouçam o que vou dizer –, a tal ponto que ele fosse capaz de dizer a ela em plena Alquimia ou dizer à Mãe Divina: «*Destrua de mim o Eu de luxúria que me põe pensamentos luxuriosos com a irmã tal – e ela estar escutando aquilo*». Krim, KRIM, KRIM...». E ela dizer: «*Mãe Kundalini, destrua de mim os sonhos eróticos que tenho com Felipe. Krim, KRIM, KRIM...*». Se realmente amamos a pessoa, o que queremos é ajudá-la.

Se estivermos tão cheios de amor próprio não se podem dizer essas coisas, então temos que dizer: «*Mãe Kundalini, destrua de mim o Eu de luxúria que me apresenta cenas eróticas*», e com a mente dizer: «*... com Maria Jimenez*», e tal....

P.: *Há uma prática que é o Pratimoksha, que é de Terceira Câmara, mas às vezes você está na Fase A ou na Fase B e de repente vem uma pessoa, sem túnicas nem nada, e te faz um Pratimoksha (no sentido de que te explica coisas gravíssimas ou muito fortes de sua vida). Então, claro, há missionários que sabem digeri-lo e missionários que não. Então, o que fazer?*

R.: Se o missionário sabe digeri-lo, o que tem que fazer é... Em que Fase está a pessoa que faz o Pratimoksha?

P.: *Na Fase B ou Fase C.*

R.: Fase B, Fase C... Muito bem. Com essa pessoa... Se alguém me conta uma história dessas, eu lhe digo: «*Bom, muito obrigado pela confiança. Agora*

muito com os Mestres da Medicina para que lhe acalmem o centro emocional, para que lhe acalmem o centro intelectual. Quando lhe acalmarem esses dois centros, ela deixará de perceber estas coisas de forma involuntária.

P.: *Sim, porque vê mortos constantemente...*

R.: Isso é desequilíbrio psíquico. É preciso pedir muito ao Espírito Santo. Pode-se recomendar-lhe que acenda uma velhinha toda noite ao Espírito Santo para que lhe equilibre o aparelho psíquico.

P.: *Por que nos dão sonhos sobre outras pessoas? Sonhos que nos avisam de que lhes hospitalizam, que lhes vai acontecer algo, ou que vão viver circunstâncias difíceis, e talvez estas pessoas não estão próximas de você, não são sua família, são amigos ou pessoas mais afastadas. O que podemos fazer? Podemos ajudar ou temos que guardar? Por que informam a você se não pode fazer nada com isso?*

R.: Isso pode ter duas explicações. Uma, que o seu Ser esteja relacionado com o Ser dessa pessoa, ainda que essa pessoa não esteja perto de você, e o Ser dessa pessoa lhe faz partícipe disso que vai acontecer por afinidade. A outra é que, não tendo relação o seu Ser com o Ser dessa pessoa, contudo o Ser dessa pessoa está buscando alguém urgentemente para passar a mensagem a esta pessoa e, claro, o dá a outra pessoa. Às vezes a nós, sendo missionários, o Pai quer nos advertir de algo e nos mandou a mensagem, mas não recebemos a mensagem, não recordamos os sonhos, ou não os recordamos bem, então ele passa a outra pessoa para que venha e nos conte. Então neste caso temos que ser compreensivos e receber a mensagem com humildade.

P.: *Mas o que fazemos com ele? No sentido de que podemos dizer algo a essa pessoa, como «cuide-se, vigia...».*

R.: Sim, podemos dizer-lhe claramente. Dizemos: «*Tive um sonho estranho com você. Eu não sei se você acredita ou não nos sonhos, mas se por acaso acredita, o que vi foi isto e isto; fique atento*», não tem problema.

P.: *Ainda que essa pessoa não esteja na Gnose e não acredite em nada...*

R.: Não tem problema. Nós cumprimos em passar a mensagem, se vemos que a pessoa aceita que lhe digamos algo, porque se a pessoa me diz quando eu começo a falar: «*Não me venha com essas tolices...*»

P: E como sabemos que esse sonho que tivemos não é uma coisa mental nossa?

R: Temos que esperar acontecimentos, mas podemos dizer: «*Olha, eu não digo que vá acontecer, mas eu creio nos sonhos, e por via das dúvidas estou te contando*», está bem.

P: Nós, às vezes, por crueldade ou por falta de compreensão, ou de fraternidade, podemos, por exemplo, quando uma pessoa se manifesta de um modo egóico, mas está trabalhando sobre o Ego, nós não entendemos seu trabalho e tocando essa situação que ela está vivendo, brincamos sempre com este estado ou impedimos à pessoa compreender esse aspecto. Por exemplo, em nosso grupo de amigos gnósticos uma pessoa tem problemas com um Ego e às vezes grita, ou sei lá, mas ela tenta trabalhar esse estado psicológico, mas o Ego não morre, e se brincamos quando essa pessoa esteja gritando, não é correto de nossa parte, não é?

R: Não, não é certo ficar zombando indiretamente ou diretamente dos problemas que essa pessoa tem com esse Ego.

P: Ainda que possamos ver claramente, mas nós não sabemos...

R: Claro, sim, o trabalho psicológico é individual, e o que temos que ter é paciência, paciência com os demais...

P: Mas é difícil estabelecer um equilíbrio entre colaboração com o delito e compaixão.

R: Não, no mundo das relações nós temos que cuidar de três tipos de relações, diz o Mestre. A primeira relação é a psicológica com nós mesmos: manter-nos em um bom estado psicológico. A segunda, a relação com nossos semelhantes. Não podemos descuidar dela. E, a terceira, com nosso corpo físico. Quando descuidamos de nossa boa relação com nosso corpo físico nos enfermamos, porque não colocamos atenção: como, como e como pimenta, pimenta..., e logo me enfermo. Má relação com meu corpo físico, porque estupidamente eu não devia ter comido tanta pimenta; má relação com o corpo físico. Se eu não cuido de minhas amizades, tenho má relação com meus semelhantes, no final me deixarão sozinho. E minha relação psicológica é meu trabalho psicológico comigo mesmo. Então, com relação aos demais, o temos que estabelecer são limites naturais. Se eu vejo que uma pessoa está tentando fazer seu trabalho, mas, claro, não o faz tão bem para que lhe dê resultados imediatos, tenho que saber estabelecer uma boa relação com essa

pessoa sem me identificar com seu trabalho. O que me importa se o faz bem ou mal o trabalho. Eu tenho que ver o meu trabalho, não o trabalho dos demais. Eu não sou ninguém para julgá-lo. Que faça tolices e eu vá ser cúmplice do delito? Somos cúmplice do delito quando sabemos que estamos tolerando em uma pessoa algo que está mal feito e aplaudimos; isso é cumplicidade com o delito. Mas que nós a compreendamos e não a julgemos; isso não é cumplicidade com o delito, isso é paciência, isso é paciência...

P: É tão difícil fazer isso, porque saber se relacionar com as pessoas que nos relacionamos... Isso que você disse está muito claro, mas não é fácil, saber dizer algo ou não dizer à pessoa...

R: Aí está a lei do Mestre: «*É tão mal calar quando se deve falar como falar quando se deve calar*». Há momentos em que devemos falar e há momentos em que devemos calar. Se uma pessoa tem um mau hábito contra o qual está lutando, mas vemos que esse hábito está aí, está aí..., eu não devo deixar que a ira e a impaciência me peguem e dizer: «*O seu trabalho não vale nada, você está aí se fazendo de bobo*». Essas são coisas muito comuns na Gnose, e isso está muito errado. O que temos que fazer é dizer a essa pessoa, em um momento harmonioso que o Pai coloque, nossa opinião. Possivelmente essa pessoa em um momento determinado vai nos dizer: «*Eu sinto que não estou levando bem meu trabalho, o que você acha?*». Aí nós falamos: «*Bem, é que você não põe atenção aqui nem aqui, você põe atenção aqui, aqui, mas aqui é onde você está falhando*», o que nós vemos..., mas quando nos pergunte ou quando apareçam as condições. Mas nos falta paciência, paciência! Às vezes temos que saber esperar antes de atuar para dizer algo a alguém, porque por impaciência criamos um estrago, um grande problema.

P: Às vezes não escutamos a pessoa que tem tal problema, e lhe dizemos: «*Ah, é o seu Ego, trabalha*», mas é uma crueldade dizer isso.

R: Isso é uma frase dos gnósticos: «*É o seu Ego, trabalha*», mas nunca o escutamos: isso é coração seco.

P: Temos que pensar que essa pessoa talvez esteja passando mal, e ainda que não diga nada necessita de ajuda, pode-se dizer algum conselho: «*Bem, olha, faça isto ou veja este outro ou tal*», sem que nos diga nada?

R: O que vocês têm que dizer à pessoa se pressentem que está mal é: «*Como está se sentindo? Está bem? Posso ajudar em algo?*». Se a pessoa está com amor